

APRESENTAÇÃO

Fabiela **Bigossi**¹

A Revista *Illuminuras* número 37 contempla o espaço-tempo das dinâmicas urbanas, em que a memória compartilhada na construção da cidade ultrapassa as fronteiras identitárias e cartográficas. O tempo, a memória e a cidade compõem uma trama de significados que se complementam, a partir da perspectiva de uma etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2013), com suas explícitas continuidades e descontinuidades estão presentes nos artigos aqui trazidos.

A “cidade bis” de Michel Agier (2011) é posta em relevo nas etnografias realizadas em Recife, Rio de Janeiro, Goiás, Teresina, Curitiba, Brasília, Bragança, Pueblo e Thokosa.

Os microespaços das feiras e a pluralidade de elementos de análise que elas nos fornecem são aqui representados por pesquisas etnográficas em Belém e Sorocaba, situando esses espaços na memória coletiva das cidades não apenas como espaço de consumo, mas sim como parte da construção identitária dos bairros e mesmo da cidade. A transformação e reapropriação dos espaços podem ser temporárias, como o clube de futebol que também se constrói enquanto um lugar de articulação política e as praças de alimentação enquanto espaço de sociabilidade que descentralizam a análise dos centros comerciais apenas como templos do consumo.

A sociabilidade que se desenvolve na rua e os estigmas associados às formas de viver esse espaço ficam evidentes no Morro da Caixa d’Água em Tubarão e entre os frequentadores do Beco dos Artistas em Salvador. Os artesãos de Anchieta, Piúma e Itapemirim, no litoral do Espírito Santo e os trabalhadores no bairro Nazaré em Belém veem atrelado ao crescimento urbano o fim de seus ofícios. A crise urbana também perpassa alguns artigos deste número nas narrativas que trazem a intensificação da cultura do medo nas grandes cidades, assim como, os conflitos nos processos de urbanização nos projetos de revitalização urbana são contemplados.

O primeiro artigo, de autoria de Annelise Caetano Fraga Fernandez e Mirian Santos, intitulado “Madureira, capital dos subúrbios (1940-1960): carnaval e comércio na produção de uma comunidade imaginada” traz a presença dos imigrantes portugueses na construção de Madureira, nos interstícios entre o rural e o urbano, representada

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

sobretudo na iniciativa apontada como pioneira da criação do Mercado de Madureira, que impulsionou o desenvolvimento do comércio aos arredores, uma das imagens do desenvolvimento e que, como apontam as autoras, contribui na consolidação da imagem deste local enquanto “capital dos subúrbios”. A participação dos imigrantes portugueses, sobretudo pelos investimentos no comércio, na construção da comunidade imaginada foi parte do projeto de reversão da identidade que estigmatizava os subúrbios.

Carolin Loysa nos traz o artigo “Of food courts and other demons: shopping malls in Mexico as new centers for urban life”, em que questiona o impacto dos *shoppings centers* nas cidades mexicanas a partir de etnografia realizada em Puebla. Considerando os centros comerciais como resultado de medidas de privatização que ocorreram na última década, especialmente em cidades latino-americanas, esses locais são referidos no discurso oficial como espaços que contribuem na melhoria da imagem da cidade. No entanto, o que Loysa aponta é a homogeneização desses espaços, construindo-se enquanto lugar de exclusão de alguns grupos. A autora centraliza sua etnografia nas práticas sócio espaciais que se desenvolvem nos *shoppings* para além do consumo de bens, interessando-se na sociabilidade que se desenvolve nas praças de alimentação.

A reflexão do meio urbano a partir de espaços de consumo também é o tema do artigo de Lígia Bardou de Carvalho e Elton Caramante. “Comunicação e cultura popular: uma abordagem fotoetnográfica sobre a relação de consumo e troca na “feira da barganha” de Sorocaba” traz as transformações de uma feira, a Feira da Barganha, a partir da sociabilidade desenvolvida nesse espaço, acompanhado de imagens que permitem ao leitor adentrar no universo de pesquisa dos autores e nas sociabilidades que se desenvolvem nesse espaço da cidade.

O tema da acessibilidade dos cegos na cidade é trazido nos artigos de Olivia Van der Weir e Sandra Simone Morais. O artigo de Olivia Van der Weir, “A Urca é o paraíso dos cegos: mobilidade urbana, acesso à cidade e territorialização” parte da apropriação, pela autora, dos manuais de treinamento em Orientação e Mobilidade (OM) para adentrar em uma análise que contrasta as noções de espaço e lugar, que nos permite mergulhar no “O direito à cidade”, de Henri Lefebvre (1969) e pensar a cidade e os “mapas” a partir do conceito de rizoma (Deleuze e Guatarri, 1995). A etnografia da autora também contempla a infraestrutura da cidade no que diz respeito aos transportes e às dificuldades de andar à noite, quando a oferta de ajuda dos transeuntes é menor.

O artigo de Sandra Simone Moraes “O encontro de pessoas cegas e não cegas pelas ruas do Recife” parte da experiência da própria autora na sua formação em tiflogia, trazendo também a discussão sobre o “estar em campo” e a construção do objeto de pesquisa. Com uma etnografia que descreve Recife, o leitor é convidado a imaginar a cidade, guiado também por autores como Gilbert Durand (1993), Gaston Bachelard (2001) e Henri Bergson (1999) que tratam do lugar do imaginário, da imaginação criadora e da memória na construção da cartografia da cidade.

Continuemos percorrendo ruas através do artigo “Brincar na rua: relações entre moradores de camadas médias e populares no Morro da Caixa”, de Viviane Kraieski de Assunção, que destaca o “caminhar pelo bairro” como forma de identificar as hierarquias sociais presentes no Morro da Caixa e os limites fluídos do território acionados no pertencimento a determinados espaços do bairro, assim como, o crescimento da cultura do medo com o aumento populacional do bairro. A importância das redes de vizinhança e parentesco nas camadas populares também é objeto de análise no artigo sobre o Morro da Caixa d’Água.

O sétimo artigo é de Matheus França, intitulado “Entre lazeres, sociabilidades e insegurança” e também problematiza a crescente cultura do medo nas cidades cruzando o tema da juventude e da negociação de identidades e subjetividades. A partir da etnografia na Praça Universitária, na cidade de Goiânia, o autor discute sociabilidade e violência entre os frequentadores desse espaço. A problematização do lugar do pesquisador em campo, na produção dos dados etnográficos e nas situações de risco são preocupações que perpassam o texto do autor.

Rosângela Marques de Britto, em seu artigo “Trabalho-lazeando e o prédio antigo na esquina do bairro de Nazaré em Belém (PA)” traz a etnografia de rua (Eckert e Rocha, 2002) como suporte teórico e metodológico para a construção de seus personagens e ofícios de rua, que aos poucos vão perdendo lugar nas grandes capitais brasileiras, mas ocupando esse espaço social, são também guardiões da memória de um bairro.

“Pelos cantos da capital: migração e vida nas ruas em Brasília” é o artigo de Pedro de Andrade Calil Jabur, Cássio Henrique Oliveira da Conceição e Jussara Máximo da Silva que traz o cotidiano dos migrantes em situação de rua. A história da construção de Brasília pelos migrantes e após a expulsão dessas pessoas para as cidades satélites motivou a pesquisa dos autores e traz dados contundentes para uma análise que considera a construção desigual da cidade e a exclusão que o plano piloto gerou, uma

exclusão que vai além da expulsão dos migrantes para as periferias, mas que trata também da substituição de ruas por vias expressas, analisando a partir desses fatores estruturais a experiência cotidiana de viver na cidade.

O artigo de Vânia Fialho, Maria Jaidene Pires, Rita de Cássia Maria Neves, Emmerson Pereira da Silva, e Maria Marluce S. Gomes da Silva, “Espaços compartilhados e Práticas Vividas: Cartografia Social e espaços de mobilização do bairro de Santo Amaro – Recife/PE” é parte do projeto Nova Cartografia Social sediado na UEAM com o objetivo de produzir mapas que envolvam os segmentos sociais contemplados nessa proposta de reconstrução cartográfica, através de uma metodologia participativa e pesquisa multidisciplinar. Trazendo diversos dados etnográficos sobre o bairro, a categoria de espaço é utilizada pelos autores para compreender a socialização em Santo Amaro e a capacidade de mobilização política nesse espaço, com o foco nas associações criadas a partir de times de futebol, predominantes no bairro, contribuindo na compreensão de “questões sociais urbanas que associam as unidades de mobilização às motivações de cunho identitário”.

As identidades, trajetórias e memórias de feirantes nas formas de produção, comercialização e consumo da farinha no bairro Guamá em Belém – PA estão presentes no artigo “Farinha de feira: memórias e identidades de vendedores em feiras do bairro do Guamá, Belém (PA)”, de Flávio Henrique Souza Lobato e Voyner Ravena-Cañete. O estudo é motivado, conforme os autores, “diante da possibilidade de perda” de “aspectos culturais, como os saberes, os fazeres, as memórias e as identidades” ligadas à farinha. Os autores consideram ainda a alta do preço da farinha ocorrida nos últimos anos como propulsora de uma possível crise de identidade amazônica. A feira, enquanto sujeito, sua relação com o espaço de um bairro periférico e próxima ao rio que banha e abastece a cidade é o espaço privilegiado de análise da construção da identidade amazônica.

O décimo segundo artigo, de Cristiano das Neves Bodart e Rochele Tenório Silva, intitulado “Fabricante e remendador de redes de pesca: um olhar a partir da etnografia visual” traz um *savoir-faire* que vem desaparecendo rapidamente em algumas cidades do litoral do Espírito Santo. A partir de imagens textuais e fotográficas os autores nos trazem as transformações no trabalho dos artesãos remendadores e fabricantes de redes de pesca. A transformação dos espaços de sociabilidade masculina é um componente importante para compreender o desaparecimento dessa prática, que antes tinha lugar nas ruas das cidades e construía a identidade dessas cidades litorâneas, agora encontra-se confinada a espaços fechados, em que a partilha das experiências e a transmissão dos

saberes perde lugar e a atividade passa a se caracterizar pelo “silêncio no manuseio das ferramentas”.

Lilian Stedile Ferri e Luiz Eduardo Fontoura Teixeira nos conduzem a um passeio pelas problemáticas urbanas do centro da capital paranaense através do artigo “Entre presenças e ausências: o centro de Curitiba e a Rua XV de Novembro” em que trazem uma crítica ao modo de vida privatizante das grandes cidades com o desaparecimento de espaços públicos de sociabilidade aumentando a sensação de insegurança nas áreas centrais, pela ausência de pessoas nas ruas. A análise dos autores abrange os projetos municipais que têm como objetivo trazer os moradores para o centro e com uma demarcável preocupação em trazer para o leitor referências interdisciplinares para analisar o processo pelo qual o centro de Curitiba tem passado, os autores fazem uma discussão sobre patrimônio e o processo de museificação e espetacularização urbana.

Andressa de Freitas Ribeiro nos apresenta o artigo “O beco dos artistas e o estigma: intersecções de gênero, sexualidade, raça e classe social” resultado de dois anos de etnografia no Beco dos Artistas, em Salvador – BA, uma pequena via com pouca visibilidade no bairro Garcia, hoje reconhecido na cidade enquanto espaço de sociabilidade homossexual, acolhendo seus frequentadores à noite, de terças-feiras a domingo. A crescente estigmatização do Beco é trazida pela autora a partir da discussão de gênero, quando o Beco dos Artistas se transforma em “um gueto gay” e na transformação das formas de sociabilidade, que hoje tomam a rua como espaço de estigmatização, em contraponto ao espaço interno dos bares, lugar que confere status e prestígio aos frequentadores do Beco.

O décimo quinto artigo, “Casamento na township: Um estudo sobre as transformações estéticas do ritual”, de autoria de Aina Azevedo, traz a partir de uma experiência etnográfica da autora, a discussão do bairro e da casa a partir de um casamento. As relações entre industrialização e urbanização em Thokosa, África do Sul e o limite fluído entre o rural e o urbano nas *townships* estão presentes no artigo.

Fabrcia de Oliveira Santos apresenta no artigo “Da sala à cidade: aulas de arqueologia histórica no centro de Teresina” uma narrativa preocupada em refletir sobre o processo pedagógico da própria disciplina. Tomando como universo de pesquisa praças centrais de Teresina, a autora busca compreender como as relações de poder nesses territórios formam as imagens dessas praças. As tensões, os conflitos e as temporalidades distintas são analisadas no artigo para a compreensão das sociabilidades

que se constituem nesses espaços, em que novamente a cultura do medo dos centros urbanos se faz presente.

Os espaços citadinos continuam presentes na resenha de Juliane Bazzo. “Coleção narradores urbanos: cidades, citadinos e antropólogos em uma etnografia visual”, trata da coletânea dirigida por Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, que trazem em uma série documental de nove vídeos, divididos em três volumes, um retrato da antropologia urbana no Brasil através da narrativa sensível da trajetória de grandes expoentes da disciplina.

Encerramos esse número da Revista *Illuminuras* com o ensaio fotográfico de Helio Figueiredo da Serra Netto, “O milagre das rosas vermelhas”: Corporalidade, Fotografia e Sacralidade na Marujada de Bragança – Pará” realizado na festa religiosa em honra a São Benedito, no mês de dezembro. Sensivelmente, o autor capta as imagens dos encontros festivos pela cidade, da religiosidade e trabalho da memória unindo as gerações.

Com o anseio de que este número da Revista *Illuminuras* possa contribuir para os estudos de antropologia urbana e o diálogo entre universos de pesquisa e disciplinas, desejamos uma boa leitura.